

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

## ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19 E RISCOS NA SAÚDE DAS DOCENTES DO ENSINO PRIVADO NA BAHIA

Luzinete Oliveira Sales, Jaqueline Ferreira, Paulo Gilvane Lopes Pena, Paloma de Sousa Pinho,  
Tânia Maria de Araújo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6389>

Submetido em: 2023-07-08

Postado em: 2023-07-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**ARTIGO**

**ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19 E RISCOS NA SAÚDE DAS  
DOCENTES DO ENSINO PRIVADO NA BAHIA**

**LUZINETE OLIVEIRA SALES**<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3941-7279>

nethybio@yahoo.com.br

**JAQUELINE FERREIRA**<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7662-1773>

jaquetf@gmail.com

**PAULO GILVANE LOPES PENA**<sup>3</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9653-5509>

pena@ufba.br

**PALOMA DE SOUSA PINHO**<sup>4</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6402-0869>

paloma@ufrb.edu.br

**TÂNIA MARIA DE ARAÚJO**<sup>5</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2766-7799>

araujo.tania@uefs.br

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, Bahia (BA), Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências da Saúde, Santo Antonio de Jesus, Bahia (BA), Brasil.

<sup>5</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Saúde da UEFs, Feira de Santana, Bahia (BA), Brasil.

## Resumo

O ensino remoto foi uma prática nova utilizada como estratégia para a continuidade das atividades educacionais durante a pandemia de Covid-19. Envolveu mudanças radicais com impactos na saúde docente. Este estudo objetivou analisar os desafios encontrados por docentes da Rede Privada de Ensino do Estado da Bahia na modalidade de ensino remoto e sua repercussão na saúde docente. Os dados originaram-se da pesquisa intitulada “Trabalho docente e saúde em tempos de pandemia (Covid-19)”, realizada por meio de formulário online, no qual constava uma questão subjetiva aberta que oportunizou a narrativa das experiências com o ensino remoto emergencial. O material empírico foi organizado nas seguintes categorias temáticas: o uso das tecnologias digitais no ensino remoto; a intensificação do trabalho e a desvalorização profissional; e repercussão na saúde dos docentes. Verificou-se que a configuração do ensino remoto emergencial transformou os domicílios das docentes em espaços de atividades pedagógicas com organização e condições de trabalho improvisadas e sobrepostas às atividades domésticas. Registraram-se relatos de práticas de assédio moral e efeitos adversos à saúde, como burnout e sofrimento psíquico, em função da pressão para corresponder às demandas educacionais. Isso incluiu a necessidade de aquisição rápida de conhecimentos e manejo de recursos tecnológicos que demandavam continuamente, muitas vezes sem pausas de descanso, com prejuízos significativos à saúde mental docente.

**Palavras-chave:** COVID-19, docentes, ensino, saúde, trabalho.

## REMOTE TEACHING DURING THE COVID-19 PANDEMIC AND HEALTH RISKS FOR PRIVATE TEACHING TEACHERS IN BAHIA

**Abstract:** Remote teaching was a new practice used as a strategy for the continuity of educational activities during the Covid-19 pandemic. It involved radical changes with impacts on teacher health. This study aimed to analyze the challenges encountered by teachers of the Private Teaching Network of the State of Bahia in the remote teaching modality and its impact on teacher health. The data originated from the research entitled “Teaching work and health in times of a pandemic (Covid-19)”, carried out through an online form, which contained an open subjective question that provided the opportunity to narrate experiences with emergency remote teaching. The empirical material was organized into the following thematic categories: the use of digital technologies in remote teaching; work intensification and professional devaluation; and repercussions on the health of teachers. It was found that the configuration of emergency remote teaching transformed the teachers' homes into spaces for pedagogical activities with improvised organization and working conditions, superimposed on domestic activities. There were reports of moral harassment practices and adverse health effects, such as burnout and psychic suffering, due to the pressure to meet educational demands. This included the need for rapid acquisition of knowledge and management of technological resources that demanded continuously, often without rest breaks, with significant damage to the teacher's mental health.

**Keywords:** COVID-19, teachers, teaching, health, work.

## **ENSEÑANZA REMOTO DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19 Y RIESGOS PARA LA SALUD DE LOS PROFESORES DE LA ENSEÑANZA PRIVADA EM BAHIA**

**Resumen:** La enseñanza remoto fue una nueva práctica utilizada como estrategia para la continuidad de las actividades educativas durante la pandemia del Covid-19. Implicó cambios radicales con impactos en la salud de los docentes. Este estudio tuvo como objetivo analizar los desafíos encontrados por los docentes de la Red Privada de Enseñanza del Estado de Bahía en la modalidad de enseñanza a distancia y su impacto en la salud de los docentes. Los datos se originaron a partir de la investigación titulada “Trabajo docente y salud en tiempos de pandemia (Covid-19)”, realizada a través de un formulario en línea, que contenía una pregunta subjetiva abierta que brindó la oportunidad de narrar experiencias con la docencia a distancia de emergencia. El material empírico se organizó en las siguientes categorías temáticas: el uso de tecnologías digitales en la enseñanza a distancia; intensificación del trabajo y desvalorización profesional; y repercusiones en la salud de los docentes. Se constató que la configuración de la teleenseñanza de emergencia transformó los domicilios de los docentes en espacios de actividades pedagógicas con organización y condiciones de trabajo improvisadas, superpuestas a las actividades domésticas. Hubo denuncias de prácticas de acoso moral y efectos adversos a la salud, como burnout y sufrimiento psíquico, debido a la presión por atender las demandas educativas. Esto incluía la necesidad de una rápida adquisición de conocimientos y manejo de recursos tecnológicos que exigían continuamente, muchas veces sin pausas de descanso, con daños significativos para la salud mental de los docentes.

**Palabras clave:** COVID-19, maestros, enseñando, salud, trabajo

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo tem como objetivo analisar os desafios encontrados por docentes da Rede Privada de Ensino do Estado da Bahia na modalidade de ensino remoto e sua repercussão na saúde destas profissionais.

O trabalho docente abrange os sujeitos, suas dimensões e experiências associadas às condições nas quais são realizadas as atividades no ambiente de trabalho (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). É um tipo de trabalho que, além do tempo dedicado à regência em classe, envolve planejamento, preparo e organização de materiais e isso geralmente sobrecarrega o(a) trabalhador(a) (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020). Ademais, frequentemente, as condições e recursos necessários ao desempenho profissional não são adequados nem suficientes. Tal contexto tem sido pauta de reivindicações, sobretudo a partir da década de 1990, com as reformas educativas cujas consequências envolveram processos contínuos de intensificação do trabalho e desencadearam lutas pelo reconhecimento e valorização profissional docente (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020). A ausência de condições adequadas de trabalho e os

processos de intensificação foram agravados com a interrupção abrupta do trabalho presencial na pandemia da Covid-19, com sua imediata substituição pelo trabalho remoto, realizado nos domicílios de professores e professoras.

A pandemia da Covid-19, doença respiratória infecciosa provocada pelo vírus Sars-CoV-2, foi caracterizada como pandemia em março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), devido ao crescente número de infectados pelo vírus a nível mundial. Em situação de emergência e a necessidade de medidas essenciais a fim de reduzir a transmissão do vírus, ocorreram mudanças na vida das pessoas, como o distanciamento social, fechamento de estabelecimentos. Assim, diversas atividades presenciais de trabalho no Brasil foram suspensas, como uma das formas de conter a transmissão do vírus (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020).

No âmbito educacional, com o fechamento das instituições de ensino e das escolas para atividades in loco, mudanças significativas ocorreram no trabalho dos docentes. No Brasil, a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a estratégia adotada para dar continuidade às atividades educativas. Por consequência, tendo em vista a necessidade do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação, foi exigido dos docentes, conhecimento tecnológico para o desenvolvimento das atividades pedagógicas e didáticas no próprio domicílio (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020).

A prática do trabalho remoto, que se caracteriza pelo desempenho das atividades laborais no mesmo ambiente em que o trabalhador reside (LOSEKANN; MOURÃO, 2020), com o uso de tecnologias de informação e comunicação, tornou-se urgente para grande parte do setor privado e das instituições públicas no período pandêmico. Assim, de forma inesperada, com improvisação e aumento das demandas, os trabalhadores tiveram que se adaptar à prática de atividades laborais remotas acopladas ao seu ambiente domiciliar (ARAÚJO; LUA, 2021), sem qualquer tipo de análise prévia das condições ergonômicas e das situações familiares disponíveis. Soma-se ao contexto, as dificuldades inerentes à uma crise sanitária, incluindo incertezas e as medidas preventivas ligadas à pandemia da Covid-19 que isolaram os(as) docentes em suas casas, sem apoio ou auxílio direto.

Por conseguinte, essa modalidade de ensino envolveu processos de trabalho com potenciais riscos à saúde dos docentes, visto que não apresentou medidas protetivas ao trabalhador e desconsiderou situações conflituosas com espaços, estruturas, cargas psíquicas e físicas das demandas familiares. O excesso de atividades e horas dispendidas e o estresse na adaptação às tecnologias digitais, o maior controle sobre o trabalho docente com possibilidade de acesso às aulas pela gestão escolar e dos pais dos alunos, muitas atividades como reuniões e encontros virtuais entre gestão e docentes, foram realizadas fora do horário de trabalho formal, sobrecarregando os professores (SOUZA, et al., 2021).

A situação de interrupção abrupta da atividade presencial não permitiu o planejamento necessário nem houve tempo hábil para adaptação dos docentes às atividades remotas. Agravou-se a condição de trabalho de muitos deles, à vista da montagem de frágeis cenários laborais, com adaptações na própria residência, aumento da jornada, despesas financeiras resultantes da aquisição e manutenção de novos instrumentos de trabalho e exigência de um

ritmo mais acelerado às suas atividades (BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020). Igualmente, o cenário de isolamento, com ausência de proteção mediante o novo modo de ensino, associado a incertezas e ameaças de desemprego, aumentaram o mal-estar no trabalho.

Neste contexto, ocorreram os desafios para a socialização e fortalecimento da coletividade, o que antes da pandemia era realizado de forma presencial, no local de trabalho. Tudo isso contribuiu para a insatisfação e tristeza destes profissionais, associado à ocorrência de sofrimento mental (SOUZA, et al., 2021).

Este estudo busca compreender como se deu a vivência do trabalho remoto no contexto da pandemia e como a sua execução afetou a saúde docente, considerando-se um potencial agravamento da situação de precariedade do trabalho que já caracterizava as condições de trabalho na rede privada (ARAÚJO, 2022). Dessa forma, espera-se contribuir para a melhoria das condições de trabalho docente e se, porventura, novas medidas sanitárias sejam necessárias e impliquem em isolamento domiciliar, busca fornecer insumos para evitar que condições que afetaram a saúde docente sejam prevenidas.

## **ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Este estudo é realizado a partir da pesquisa “Trabalho docente e saúde em tempos de pandemia (COVID-19)”, de caráter epidemiológico, com docentes da Rede Privada de Ensino do Estado da Bahia, empreendida por pesquisadores de um Projeto Interinstitucional desenvolvido pelo Núcleo de Epidemiologia (NEPI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e pelo Núcleo de Saúde, Educação e Trabalho (NSET) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no ano de 2020. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), parecer nº 4.067.459. Os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi esclarecido sobre o caráter voluntário da pesquisa e que durante o desenvolvimento desta seria mantido o anonimato do participante, com respeito à sua autonomia e sigilo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário online composto por questões fechadas e uma questão aberta, utilizando a plataforma “Google Forms”. A coleta ocorreu na primeira onda da pandemia, entre 18 de junho a 30 de julho de 2020. A pesquisa, de participação voluntária, incluiu todos os docentes da rede particular de ensino da Bahia que foram acessados por meio das listas de e-mails institucionais e das redes sociais do Sindicato de Professores do Estado da Bahia (SINPRO-BA). Foram obtidos respostas de 1.444 docentes integrantes de todos os níveis (educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio e superior) da rede privada de ensino da Bahia. A maioria dos docentes era mulheres (76,1 %). Houve predominância da faixa etária entre 21 e 41 anos de idade. Em relação à formação, 47,6% possuíam especialização. Maior detalhamento do estudo epidemiológico, com análises das questões objetivas relacionadas às condições do trabalho remoto e de saúde dos docentes estão apresentadas em Pinho et al (2021).

Os dados apresentados neste estudo referem-se à sistematização e análise das respostas de 310 participantes da pesquisa que responderam a questão aberta ao final do questionário: “Você gostaria de fazer algum comentário, sugestão ou observação? Se desejar fique à vontade para descrever abaixo”. O fato da maioria dos participantes ser composta por mulheres foi utilizado termo no feminino, inclusive no título deste texto. Para a identificação foram usados nomes fictícios, a fim de preservar as suas identidades. Foi realizada cuidadosamente a leitura das respostas subjetivas, organizadas por categorias temáticas e selecionadas aquelas que expressavam reflexões e experiências a respeito do trabalho docente com o ensino remoto no contexto pandêmico.

A organização em categorias temáticas possibilitou uma análise mais densa das informações das participantes sobre o trabalho docente na modalidade remota e as interferências na saúde. A produção de dados foi realizada com base na articulação de estudos quantitativo e qualitativo para compreensão complementar, com valorização de dados e sua contextualização na busca de compreendê-los nas suas diversas dimensões (MINAYO et al., 2005). Foi adotada a perspectiva teórica que associa o trabalho docente a um trabalho dinâmico, a uma organização interativa, sempre estimulada e constituída por atores sociais que estão em relação de poder uns com os outros. Um trabalho que, com o passar dos anos, tem se tornado mais complexo e especializado, com exigências de uma formação diferenciada (TARDIF, 2005). Nesse contexto, envolve a utilização das tecnologias digitais para o desenvolvimento de atividades pedagógicas e didáticas que colonizaram o ambiente doméstico em profunda interação com a vida familiar dos docentes.

A partir da organização e categorização do material empírico, buscou-se a compreensão dos sentidos produzidos pelas participantes, nos seus discursos resultantes da experiência subjetiva do ensino remoto (MINAYO, 2014). Assim, com base na perspectiva hermenêutica, houve um esforço para compreender o contexto cotidiano dos participantes, com interpretação associada à realidade social, em seus discursos decorrentes da experiência subjetiva e intersubjetiva (RICOUER, 1976) no contexto do trabalho docente no período pandêmico. Neste sentido, o estudo do que foi narrado por meio da escrita das docentes contribuiu para a reflexão sobre a experiência e as interpretações estabelecidas a respeito do processo de trabalho e os percursos ao adoecimento. As narrativas fizeram parte de diversos contextos cotidianos conforme as experiências e estão presentes no campo da hermenêutica, considerada uma maneira de representar o real (CASTELLANOS, 2014).

As informações dos participantes foram relacionadas às mudanças no contexto do trabalho docente com o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no próprio domicílio, os novos desafios nas suas vidas a partir do impacto da pandemia (Covid-19) e as repercussões na saúde. Foram categorizadas a partir de eixos temáticos: o uso das tecnologias digitais no Ensino Remoto Emergencial; a intensificação do trabalho e a desvalorização profissional; e sofrimento e implicações na saúde docente.

### **Perfil de docentes e contexto familiar.**

Como já mencionado neste texto, a maioria dos docentes era composta por mulheres, o que se coaduna com a literatura sobre a predominância feminina na docência (ARAÚJO, et al., 2006; HYPOLITO, 2020). Este dado, não apenas expressa a distribuição majoritária das mulheres, mas também denota uma maior disponibilidade feminina em falar de si, em compartilhar sentimentos, percepções e impressões e este é um fator que, estando também relacionado a estratégias potenciais de enfrentamento de sofrimento, deve demandar atenção.

Apesar da ampla variação das idades, o maior percentual foi observado na faixa etária de 30 a 50 anos (245). A maioria dos docentes era mulheres (248). Em relação à formação, a maioria possuía especialização (165). Em relação à situação conjugal, a maior parte encontrava-se casada/união estável (189). No que se refere ao nível de ensino no qual elas atuavam, houve predominância (181) no ensino fundamental,

Do total de 310 docentes, 22 têm suas narrativas apresentadas neste estudo. A maioria (21) era mulheres (nas respostas obtidas para este estudo, estava incluído apenas um professor). Houve predominância da faixa etária de 30 a 50 anos (21) e apenas uma docente com a idade de 55 anos. Em nível de escolaridade, todas possuíam nível superior. A maioria tinha especialização. Em relação ao nível de ensino no qual atuavam, a maioria (17) atuava no ensino fundamental, duas no ensino médio, duas no ensino superior e apenas uma trabalhava com a educação infantil. A constatação que a maior parte trabalha com o ensino fundamental denota o aumento dos desafios e complexidade exigidos aos docentes nessa fase (GUISO; GESSER, 2019). Em relação ao tempo de serviço, há variedade, mas ocorreu maior concentração (14) referente ao período de dez a vinte anos de trabalho na docência.

A maioria (18) apresentou dificuldades em conciliar as atividades profissionais com algumas atividades do seu dia-a-dia: as demandas domésticas, como cozinhar, realizar a limpeza da casa, lavar e passar roupas. Somado a isso, treze docentes acrescentaram demandas familiares como compras de mercado. Das docentes (14) que têm filhos, dez enfrentaram dificuldades para o acompanhamento escolar deles, e três tiveram que cuidar dos filhos menores de 5 anos de idade. Também, três docentes depararam com a necessidade de cuidar de familiares idosos/deficiente/especial.

Para elas o tempo gasto com atividades e responsabilidades domésticas/familiares interferiu nas responsabilidades do trabalho, que ocorria ao mesmo tempo, de forma intradomiciliar. Além disso, todas elas afirmaram que o tempo que deveria ser dedicado ao descanso e o lazer foi invadido pelas atividades do ensino remoto. Observou-se que três destas docentes vivenciaram situações semelhantes bastante difíceis, como foi o caso de Marcela, Jéssica e Edna, pois acumularam as tarefas domésticas com cuidados de filhos e idosos doentes concomitantemente.

## **Lidar com o novo – as tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino remoto.**

Confinadas em suas casas, muitas docentes se encontravam em situações adversas e de fragilidade, e tiveram que enfrentar a necessidade de conciliar as atividades profissionais com as atribuições domésticas e o convívio familiar. A casa foi convertida em um ambiente de trabalho onde não houve, muitas vezes, o planejamento e o apoio técnico necessários à atuação profissional satisfatória, trazendo interferências diretas no seu cotidiano e das pessoas com as quais elas conviviam (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020).

Um problema de trabalhar em casa tem sido a falta de noção dos alunos sobre o horário de comunicação com o professor; eles pensam que temos a obrigação de responder as mensagens a qualquer hora do dia e até mesmo nos finais de semana (Eliane, 41 anos, docente do ensino superior).

A ampliação drástica da jornada de trabalho não remunerada e desprovida de medidas preventivas para a saúde tornaram-se condições de riscos que se associaram às inovações tecnológicas das práticas pedagógicas. Para Gauriau (2020), o poder da tecnologia foi vivenciado pelos trabalhadores por meio de diversas formas de ferramentas digitais, cuja utilização demandou investimentos de tempo e esforços que ultrapassavam a jornada de trabalho contratada e, muitas vezes, com dificuldade de desconexão. Segundo o autor, poder desconectar é estar acessível apenas nos horários de trabalho, sem controle externo do tempo de descanso, com o “direito ao repouso, ao lazer, bem como garantir sua saúde física e mental, vida social, de família e vida privada” (GAURIAU, 2020, p. 152). Neste sentido, está associado à saúde do trabalhador indicando necessidades de ações de prevenção contra os riscos à saúde.

Em relação à utilização de ferramentas tecnológicas para a prática das atividades laborais, 50% das docentes responderam que não estavam preparadas para o seu manejo naquele período, tendo em vista que nunca tinham usado nenhuma destas ferramentas na prática docente. Mesmo para docentes que tinham algum conhecimento das tecnologias empregadas, o seu domínio não era suficiente para manuseá-las como ferramenta de trabalho. Adicionalmente à inexistência ou insuficiência de conhecimento e ou de práticas com as ferramentas, observou-se também inadequação das condições ergonômicas e gerais de trabalho nos ambientes familiares, associados às orientações de medidas preventivas e protetivas da saúde física e mental. Mesmo para as instituições de ensino que promoveram capacitação/orientação para o uso das ferramentas, o relato docente foi de que não eram suficientes. Assim, as atividades foram assumidas pelos esforços pessoais, pelas buscas, por si mesmas, de aquisição de conhecimento e habilidades, sem qualquer apoio ou ajuda das instituições e ensino. Isto lhes demandou uma parcela significativa de seu tempo.

Possuir os recursos tecnológicos não significa que os docentes tenham competência para utilizá-los como apoio às suas práticas de ensino. Nesse sentido, a dificuldade de operar esse instrumental foi mais um desafio, no período da pandemia, para a maioria deles (MONTEIRO, 2020). Os relatos de dificuldades foram muito frequentes: “Com essa pandemia, com o excesso das demandas de trabalho e ter que lidar com o novo foi bem complicado para mim” (Cristina, 41 anos, docente do ensino fundamental).

Sufocante o nível e a cobrança de trabalho diante de uma realidade em que não fomos preparados para enfrentar. A tecnologia precisou incorporar o nosso dia a dia repentinamente e tivemos que nos adaptar a isso na prática, pois não houve tempo para adaptação (Beatriz, 36 anos, docente do ensino fundamental).

Existe uma Resolução CNE/CP N° 1, de 18 de fevereiro de 2002 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Em uma de suas orientações, essa resolução preconiza no art. 2º, inciso VI, “o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores” (BRASIL, 2002). Ante o exposto, fica evidente a importância de investimentos na formação docente para o desenvolvimento de habilidades no que concerne à utilização destas tecnologias, em um processo contínuo de trabalho, de forma planejada e integrada, em busca de conhecimento e avanços no âmbito educacional. No entanto, a complexidade do ensino remoto que foi exigido aos docentes neste período demonstrou a lacuna existente no que é preconizado com a prática docente. Isso causou um estresse adicional na pandemia e um desânimo de considerável parcela do corpo profissional no desempenho de suas atividades laborais (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020).

Neste contexto, é fundamental reorganizar os projetos pedagógicos com a inclusão das tecnologias da informação e da comunicação no processo de trabalho, com tempo suficiente para formação dos docentes e para a organização da infraestrutura tecnológica, com respeito ao limite de tempo de trabalho dessas profissionais. Entretanto, o ensino remoto, no período da pandemia, foi improvisado pelas docentes a partir de suas possibilidades, em suas próprias casas, muitas vezes, com insegurança e sem acompanhamento da instituição de ensino para operacionalizar, com êxito, uma metodologia mais definida no trabalho em meio digital (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020). Uma dessas improvisações diz respeito ao espaço de trabalho.

Um espaço adequado projetado especificamente para o trabalho, com atenção aos fatores ergonômicos, contribui para menor possibilidade de desenvolvimento de novos problemas de saúde e para o bem estar do (a) trabalhador (a). Assim, aqueles(as) que não possuíam um espaço projetado para o trabalho, tiveram que alocar mais tempo com as atividades de trabalho. A falta de atenção à ergonomia, sem adaptações necessárias contribui para o surgimento de dor corporal e menor satisfação nas atividades laborativas (XIAO et al., 2021). Soma-se a isso, as diversas situações familiares subjugadas ao contexto da pandemia e às interações obrigatórias com as tarefas domésticas, como o cuidado com crianças, idosos, enfermos e demais atividades típicas do ambiente residencial, além de possibilidades de ocorrências de violência doméstica, dentre outras singularidades de cada ambiente.

Por outro lado, a insegurança diante de um processo de adaptação incerto pode levar ao desenvolvimento de ansiedade (CRUZ et al., 2021). Kenski (2003) enfatiza que o processo de adaptação às novas tecnologias deve ser gradual e a longo prazo, tendo em vista que as habilidades docentes a serem desenvolvidas devem estar relacionadas às novas aplicações pedagógicas. O que não foi possível durante o período pandêmico.

Além da formação e domínio para utilização de tecnologias de informação e comunicação, outras questões devem ser levadas em consideração, entre elas o acesso à internet e a qualidade dos equipamentos tecnológicos (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020). Os dados do estudo epidemiológico com os docentes revelaram que as características do ambiente domiciliar para o trabalho remoto apresentaram baixos níveis de adequação: 19,6% para o espaço físico, 21,7% para mobiliário e 17,2% para nível de ruído (PINHO et al., 2021). Neste sentido, muitos docentes não possuíam internet de qualidade, tendo em vista que o percentual de adequação de internet banda larga foi de apenas 36,7%. Ante o exposto, nem sempre as professoras tiveram condições de manter uma conexão de internet com qualidade para o desenvolvimento das atividades. Quanto a esse quesito, as questões financeiras também influenciaram: “As instituições escolares poderiam dar uma ajuda de custo, já que os gastos domésticos aumentaram, como luz e internet, para realização dos trabalhos em casa” (Carla, 41 anos, docente do ensino fundamental).

De acordo com Cruz et al (2021), é evidente a desigualdade relacionada aos problemas estruturais de acesso à internet por meio de banda larga e aos meios tecnológicos de comunicação para uma quantidade significativa de pessoas.

Nesse período, tive que fazer alguns investimentos para melhorar as opções de ferramentas para ministrar as aulas, pois precisei comprar uma mesa digitalizadora para facilitar as aulas, tive que comprar um microfone para adaptar ao notebook, entre outras necessidades (Mariana, 34 anos, docente do ensino fundamental e médio).

Todas as ferramentas digitais fomos obrigados a comprar ou perderíamos o emprego. Situação difícil. O que a escola colaborou com as ferramentas? Digo, em relação à ajuda de custo para manter o trabalho remoto? Nada. (Silvana, 33 anos, docente do ensino fundamental).

O custeio de materiais para a realização das atividades laborais sob a responsabilidade do docente foi um dos fatores que evidenciou a precarização do trabalho, associados à sensação de desamparo, de desvalorização. O receio de perder o seu emprego foi marcante como refere uma das professoras: “fomos obrigados a comprar ou perderíamos o emprego”, o que torna violento o contexto de trabalho e favorece o sofrimento/adoecimento.

Além da necessidade das tecnologias adequadas em qualidade, também houve a necessidade de dividi-los com outros membros da família uma vez que muitos deles também passaram a ter atividades remotas: “Em casa, todo mundo está demandando computador com internet. Meu filho tendo aulas on-line, meu marido em *home office* e eu” (Fernanda, 47 anos, docente do ensino superior).

De um modo geral, ao estabelecer, ao trabalhador(a), a obrigatoriedade de desenvolvimento das atividades laborais em sistema remoto, as empresas devem se responsabilizar pelas despesas relacionadas aos equipamentos tecnológicos, tendo em vista serem recursos necessários para a realização das atividades, bem como devem disponibilizar todos os materiais úteis ao bom andamento do trabalho. Soma-se a tais deveres institucionais assegurar a proteção da saúde física e psíquica do (a) profissional (EBERT, 2019). Assim, as instituições devem ser igualmente responsáveis pela manutenção dos instrumentos de trabalho e pelos aspectos relacionados ao ambiente domiciliar onde atuam os profissionais (MIZIARA, 2017). Oliveira (2013) salienta, oportunamente, que as condições de trabalho, a remuneração e a

formação dos docentes são aspectos fundamentais que estão associados à valorização profissional. Mais uma vez, isso não aconteceu com esses profissionais docentes.

### **A intensificação do trabalho, assédio moral, sofrimento psíquico e a desvalorização profissional**

A partir da década de 90 do século XX, com as reformas educacionais, a intensificação do trabalho docente tornou-se mais acentuada, mediante diversas exigências direcionadas aos profissionais docentes (NORONHA; ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2008). Com a pandemia da Covid-19, houve o agravamento dessa situação. O ensino remoto, com suas novas exigências, impôs a necessidade de reinvenção das práticas educativas viabilizadas por meio de ferramentas eletrônicas (aulas online, vídeos, gravações, dentre outros recursos) sem acompanhamento ou orientação, e atribuiu ao(a) professor(a) a responsabilidade plena de gerir as atividades educativas nesses novos moldes, o que favoreceu o aumento da insegurança, ansiedade e temor em fracassar (SARAIVA, TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020). O isolamento, decorrente das medidas necessárias para combater a disseminação da Covid-19, agudizou os sentimentos de solidão, pressionando ainda mais os(as) docentes. O rompimento de vínculos empregatícios foi mais um dos efeitos negativos desse contexto, como mencionou um docente: “Eu pedi demissão da minha escola privada por não aguentar mais as mudanças de exigências e demandas dela durante a pandemia. Me sentia refém dela” (Artur, 32 anos, docente do ensino fundamental e médio).

Outros relatos expressaram o sofrimento perpetrado diante das más condições de trabalho cujas gestões escolares se omitiram: “Professores estão expostos absurdamente, tendo de dar conta de demandas que ultrapassam a sua capacidade humana de lidar com desafios. Muitos estão à deriva, sem apoio psicológico e material” (Alana, 48 anos, docente do ensino fundamental).

Os gestores não têm ideia do quanto aumentou o trabalho extraclasse do professor neste período da pandemia. Só se preocupam com os pais, alunos e mensalidades. Não se dão conta de que temos família. Tudo isso é desumano (Marcela, 36 anos, docente do ensino fundamental).

O ritmo e a velocidade exigidos ao profissional, no desenvolvimento de uma atividade, intensificam o trabalho, cuja variação do grau está associada às alterações de organização e condições técnicas (DAL ROSSO, 2008; SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020). “Tem sido difícil o isolamento e o trabalho em casa, não temos descanso, não temos hora” (Lúcia, 38 anos, docente do ensino fundamental e médio).

Riscos de violência doméstica se elevaram na pandemia quando mulheres, na solidão do isolamento em suas casas, com as diversas atividades profissionais e domésticas, estavam submetidas não somente à ocorrência de danos de violência física, mas à violência simbólica a partir da necessidade de representar por meio das telas virtuais a eficiência e disponibilidade no trabalho (ARAÚJO; YANNOULAS, 2020). Para Xiao et al (2021), há necessidade de esforço maior por parte das mulheres, posto que muitas têm a responsabilidade em assumir as atividades de casa e dos cuidados na família. Isso evidencia a desigual distribuição do trabalho em relação ao gênero no ambiente familiar que afeta de maneira desproporcional homens e mulheres. De fato,

as professoras ficaram mais sobrecarregadas, tendo em vista a responsabilidade pelas atividades de cuidado dos filhos e da casa, pois em tempo de distanciamento social não tiveram o apoio de creche ou outra instituição e até mesmo outros profissionais para realizar os trabalhos domésticos (YILDIRIM; ESLEN-ZIYA, 2020).

Conforme já relatado, a entrada da escola na casa de docentes e alunos(as) promoveu a exposição do profissional junto às famílias dos estudantes. Foi o que ocorreu com as professoras entrevistadas que relataram uma maior vigilância por parte dos pais em relação ao seu trabalho e, até mesmo, ao seu cotidiano, o que gerou desconforto, cansaço e desânimo. “Estamos sendo pressionados demais pelas instituições e famílias” (Lívia, 43 anos, docente do ensino fundamental).

A rotina de trabalho tem prejudicado a minha saúde e relações conjugais, familiares. O meu mau humor está ao extremo. Sinto-me pressionada o tempo todo a fazer o que as consultoras da escola acham melhor! Perdi autonomia (Joelma, 50 anos, docente do ensino fundamental).

Gostaria de registrar a pressão sofrida pelas escolas privadas. Muito desumana. Por isso o nosso temor. Coordenadoras aumentando horas de aulas remotas para reuniões semanais com pais, além de, muitas vezes, sermos chamadas de irresponsáveis. Tudo isso magoa, e muito (Eunice, 46 anos, docente do ensino infantil).

A fim de corresponder às exigências da instituição de ensino, as docentes relataram vivência contínua de tensão relacionada ao ônus de reinventar a própria profissão, acrescida de todas as circunstâncias relativas à crise provocada pela pandemia, como relata uma docente: “Não sei se é pior a Covid-19 ou a pressão que estou vivendo por parte da gestão das escolas em que trabalho” (Jéssica, 35 anos, docente do ensino fundamental). Vale salientar que o período de pandemia com suas consequências negativas, como o desemprego, o declínio da economia, entre outros fatores, repercutiu nos docentes exacerbando sentimentos de ansiedade e medo de um futuro incerto.

Em meio à tensão da pandemia e ao desgaste físico e mental docente, o assédio moral se fez presente no cotidiano de trabalho de muitos deles, sendo um dos eventos com maior crescimento durante a pandemia em todos os setores de trabalho. O assédio constitui-se como uma ameaça potente, muitas vezes invisível, com possibilidade de ser reconhecida em situações humilhantes que ocorrem contra um indivíduo ou um grupo no decorrer de seu exercício funcional (HELOANI et al., 2021). Isso está bem ilustrado na fala da professora Eunice, quando as professoras são chamadas de irresponsáveis. O assédio moral compreende a desqualificação contínua do indivíduo, com sua consequente fragilização, a fim de neutralizá-lo em termos de poder.

Me sinto angustiada por estar abandonada pela gestão escolar da instituição e ter que gerenciar sozinha todas as necessidades dos pais e alunos. E ainda conviver com a fala de que "se não fizer um bom trabalho, o pai não paga, e eu não recebo". Pressionada, desvalorizada e humilhada pela necessidade do salário (Ana, 55 anos, docente do ensino fundamental).

Muitas professoras se sentiram angustiadas por ter que corresponder às necessidades dos alunos e pais, muitas vezes, de maneira imediata, sendo expostas a uma organização de trabalho de pressão permanente sem apoio ou auxílio da gestão. Como consequência, a

submissão torna-se presente na rotina de trabalho dessas profissionais (HELOANI et al., 2021). Isso favorece o medo de ser penalizada por alguma atitude que, para os gestores, pode ser percebida como falha, como, por exemplo, deixar de responder a demanda em tempo hábil, mesmo não sendo no horário do trabalho. Neste sentido, Tardif (2005) afirma que a escola, como uma organização de interações humanas, não deve atuar da mesma maneira como a indústria, voltada à conveniência de poderes econômicos. “Está puxado. A cada dia tentando dar o melhor e contribuir com a instituição e entender a falta de participação e compreensão dos pais. Ninguém pergunta como estamos. Temos que ser robôs” (Márcia, 45 anos, docente do ensino fundamental).

A organização gerencial de trabalho pedagógico segundo princípios tayloristas coisifica a abordagem dos professores, impõe metas exaustivas e reduzem o conteúdo das tarefas. A fala da professora acima vai ao encontro do que refere Pena e Minayo-Gomez (2010, p.376) “seres humanos não são fenômenos apenas relacionais com valores econômicos. São, sobretudo, portadores de estatutos éticos, culturais, sociais, jurídicos e afetivos”.

### **O sofrimento no trabalho docente e as implicações na saúde**

Situações críticas foram relatadas pelas docentes, como a dificuldade de estabelecer limites entre o ambiente profissional e o pessoal/familiar, em resposta às demandas com altas exigências pedagógicas que contribuíram para a insatisfação destes trabalhadores (SOUZA et al., 2021). Segundo Dejours (1993), a insatisfação no trabalho, a angústia, a ausência ou insuficiência dos espaços de solidariedade e de garantia da preservação dos deveres morais de cada profissão podem levar ao sofrimento psíquico patológico, tendo em vista a fragilidade do(a) trabalhador(a) com suscetibilidade ao adoecimento. Desse modo, o sofrimento emerge quando as estratégias de defesa coletiva específicas, estabelecidas para enfrentar a nocividade da organização do trabalho, falharam ou os recursos disponíveis inexistiram ou foram insuficientes. O sofrimento, assim, denuncia uma situação de desequilíbrio e ausência de fatores de proteção à saúde mental, o que, por sua vez, favorece as descompensações psicopatológicas (DEJOURS, 1993). Tais condições se iniciam quando ocorre bloqueio na relação entre a organização do trabalho e a mobilização da inteligência do(a) professor(a), ultrapassando os limites de uso de suas capacidades protetoras da saúde mental no contexto laboral.

Neste contexto, a realização de atividades virtuais no ambiente doméstico, muitas vezes, conflituosas e inadequadas para o trabalho pedagógico, conjugada à necessidade constante de inovação contribuíram para um estado de estresse, pânico, conforme também observado por Boté-Vericad (2021) em um estudo com professores na Espanha durante o período com ensino remoto. Somado a isto, conforme já relatado, a realização de atividades didáticas por meio das plataformas possibilita a outras pessoas que acompanham os estudantes em suas casas a terem acesso às videoaulas com possibilidade de serem compartilhadas para outras pessoas, com exposição do trabalho e da imagem desses trabalhadores. Desse modo, a exposição a um público diferente dos seus alunos, com a possibilidade de julgamento a respeito do trabalho favoreceu a

insatisfação e ansiedade entre os docentes (SOUZA, et al., 2021). “Desenvolvi ansiedade e procurei acompanhamento psicológico, mas com a redução salarial, não tive como manter as consultas” (Edna, 42 anos, docente do ensino médio). Em um estudo com professores de uma instituição de ensino da região Sul do Brasil, a ansiedade foi a alteração mais frequente na saúde mental dos docentes no período pandêmico (CRUZ et al., 2021).

Por diversos fatores, o desânimo está presente nas docentes, como expressa uma professora, “psicologicamente me sinto abalada, desestruturada, sem ânimo para exercer minha profissão” (Mércia, 32 anos, docente do Ensino fundamental). Desse modo, a tensão da vida profissional nesse cenário, com falta de apoio e redução da socialização com colegas de trabalho contribuem para a diminuição do bem-estar e surgimento de estresse, ansiedade e depressão (XIAO et al, 2021). Assim, quanto maiores são as vivências de esgotamento emocional, bem como sentimento de não realização profissional aumentam as chances de depressão e ansiedade (BRUM; MONTEIRO, 2020). Não só perturbações mentais decorreram desse estresse, mas também físicas, como mostra a professora Laura:

Desenvolvi um problema de pele, chamado rosácea (grau leve). Vermelhidão e queimação na área das bochechas e nariz, provocada pelo estresse (inerente ao momento e às demandas de trabalho sempre em caráter de urgência: todo dia chega demanda urgente) e pela exposição à radiação do computador (Laura, 40 anos, docente do Ensino médio).

A exposição contínua a estressores ocupacionais aumenta a produção das chamadas catecolaminas do estresse, perturbando o equilíbrio psicofisiológico, constituindo situações que podem produzir doenças físicas e mentais. Essa exposição produz “uma experiência pessoal, muito desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, ansiedade, tensão e frustração desencadeados por estressores no ambiente de trabalho” (NUNES SOBRINHO, 2012, p. 82). Na improvisação do trabalho remoto, os docentes não foram respeitados em seus direitos laborais quanto à jornada de trabalho, tendo em vista que frequentemente o tempo empregado no trabalho ultrapassou os limites de horas da jornada diária e semanal (SOUZA, et al., 2021), como mencionou a professora Laura em relação à exposição à tela do computador, que somava 12 a 13 horas por dia na frente do notebook. A vivência dessa situação, entretanto, foi, via de regra, invisível. A quantidade excessiva de horas trabalhadas e sua relação potencial com adoecimento, em geral não foi reconhecida pelos gestores, alunos e pais de alunos, que apenas esperavam que os(as) professores(as) correspondessem a exigências imediatistas do ensino. Xiao et al (2021) mencionam que muitas horas de exposição em frente à tela de computador pode desencadear dores de cabeça, cansaço, fadiga e diversos sintomas relacionados aos olhos.

De fato, o trabalho intradomiciliar agravou a invisibilidade em relação ao adoecimento dos trabalhadores, pois muitos destes desenvolveram as atividades laborais mesmo estando com algum problema de saúde, sem apoio e reconhecimento das suas fragilidades. Muitos sentiram a necessidade de acompanhamento de um profissional de saúde, como afirma a professora Cristina, diagnosticada com a síndrome de Burnout.

Acabei tendo que procurar ajuda psicológica e também psiquiátrica, que me diagnosticou com a síndrome de Burnout, me prescrevendo assim uma série de

medicamentos. Essa é uma situação pela qual nunca imaginei passar, mas infelizmente aconteceu (Cristina, 41 anos, docente do ensino fundamental).

Questões de saúde mental passaram a ser reconhecidas no âmbito educacional a partir dos últimos anos, desvelando-se a sua elevada magnitude entre docentes e sua associação com condições e características do exercício da docência (ARAÚJO; CARVALHO, 2009; ARAÚJO; LUA, 2021). A exposição a fatores de pressão, condições precárias de trabalho e baixo reconhecimento, características presentes no cotidiano do trabalho docente, favoreceram a emergência de muitos casos de síndrome de Burnout. Burnout é uma consequência de exposição ao estresse crônico, caracterizado por exaustão física, emocional e mental, o resultado de um somatório de estressores, que são riscos ocupacionais (REINHOLD, 2012). Infere-se, sobretudo dos relatos das docentes, que a falta de autonomia, de reconhecimento e de valorização profissional, somado às incertezas e inseguranças associadas às mudanças bruscas na rotina contribuem para o adoecimento mental.

A desconexão do trabalho é fundamental como uma forma de reduzir consequências dos estressores ocupacionais, esgotamento mental e exaustão, além de favorecer a prevenção de outros problemas de saúde. Para isso, é necessário ter momentos reservados ao descanso durante a realização do trabalho em casa. Além das pausas para refeições, as pausas curtas durante o trabalho são fundamentais, conforme as necessidades individuais dos profissionais (MOJTAHEDZADEH, et al, 2021), o que muitas vezes, não ocorreu devido às exigências em prazos de tempo limitados. Souza et al (2021, p. 137) afirmam que docentes desenvolvem atividades “como um corpo se movimentando no escuro, tendo que sozinhos encontrar a luz num cenário que repentinamente perdeu claridade”. “Professores estão expostos absurdamente, tendo de dar conta de demandas que ultrapassam a sua capacidade humana de lidar com desafios. Muitos estão à deriva, sem apoio psicológico e material” (Flávia, 48 anos, docente do ensino fundamental).

Os sentimentos de desamparo também foram frequentes. A solidão na experiência vivenciada, sem apoio de gestão, associada a ritmo de trabalho intensificado contribuíram para a exaustão mental. “Estou saturada, se eu pudesse eu me demitia, pois a escola não pensa nem um pouco em nós. Nesse momento tive mais certeza” (Helena, 35 anos, docente do ensino fundamental). Isto posto, há perda do sentido do trabalho (GONÇALVES; GUIMARÃES, 2020). Disto decorre vivência de sofrimento e demanda por atenção e cuidado, como relatou uma professora: “Precisamos de estratégias de apoio efetivo aos docentes neste complexo momento em que estamos vivendo” (Flávia, 48 anos, docente do ensino fundamental). Neste sentido, a intensificação do trabalho, as novas exigências associada à falta de apoio afetaram a saúde mental dos docentes (PINHO et al., 2020). Por conseguinte, uma liderança empática, com flexibilidade e motivação para a equipe é fundamental durante o estresse da crise, para que os trabalhadores não sejam privados dos seus direitos (NOOR COUTIS et al., 2020). Além disso, a regulação do trabalho remoto e políticas de proteção à saúde, em particular saúde mental, como medidas mais assertivas e necessárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário da pandemia da Covid-19, o setor educacional tem sofrido mudanças que exigem uma atenção diferenciada às medidas de proteção à saúde dos docentes, sobretudo à saúde mental. A adaptação compulsória do trabalho durante o período pandêmico ao ambiente domiciliar, com a presença de tecnologias digitais para o desenvolvimento de suas atribuições, contribuiu para o aumento da precarização das condições de trabalho docente.

Adicionalmente, tanto a sobrecarga docente no gerenciamento das atividades docentes sem apoio da gestão, quanto as práticas da gestão que impliquem em redução de autonomia são prejudiciais aos processos de ensino-aprendizagem e à saúde docente. Isso interfere no desenvolvimento das atividades, as quais, quando desenvolvidas em meio às tensões, quase sempre contribuem para o adoecimento. O abrandamento, por parte da gestão, de horários e atividades, a partir de diálogo, no qual se busque acordos entre todas as partes interessadas, pode contribuir para o cumprimento dos objetivos e metas de forma mais saudável.

Com o capital financeiro como a parte principal do cenário de muitas instituições privadas, que visam ao lucro de forma descomedida, há a tendência ao incremento da precarização das condições de trabalho. Na pandemia, houve a expansão da fragilização do trabalho, cujas consequências negativas, subestimadas pelas instituições de ensino, são sentidas pelos(as) trabalhadores(as) em seu cotidiano e em sua saúde (ANTUNES, 2020). O contexto do trabalho docente, no período da pandemia, não deve ser considerado apenas sob a perspectiva do uso frágil das tecnologias, mas sob a significativa complexidade do contexto de confinamento dos(as) docentes em seus domicílios, em situações de vulnerabilidade frente às atividades laborais, domésticas, familiares (ARRUDA, 2020).

A intensificação e desvalorização do trabalho docente impactaram na motivação, e no desempenho das atividades de forma satisfatória, e isso interferiu diretamente em sua saúde. Como consequências citam-se os níveis elevados de estresse crônico, ansiedade e, até mesmo, síndrome de Burnout. É necessário proteger a saúde dos(as) docentes frente à exposição a diversos fatores que lhe são prejudiciais e que interferem negativamente em seu cotidiano laboral e em sua saúde. A constituição de uma política educacional que contemple essas novas demandas do teletrabalho, associada a condições favoráveis de trabalho e aos cuidados e proteção da saúde docente deve ser prioritária e inadiável.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Coronavirus: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARAÚJO, Tânia M. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*. 11(4):1117-1129. 2006.

ARAÚJO, Tânia M; CARVALHO, Fernando. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. *Educação & Sociedade*, v. 30, n. 107, p. 427-449, ago. 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302009000200007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302009000200007&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 6 jan. 2021.

ARAUJO, Carla L. G. YANNOULAS, Silvia Cristina. Trabalho docente, feminização e pandemia. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 754-771, set./dez. 2020.

ARAUJO, Tânia M.; LUA, Iracema. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. 2021, 46:e27. Acesso em: 22 mar. 2022. DOI: 10.1590/2317-6369000030720.

ARAUJO, Franciele. O que está reservado ao trabalho docente nas IES privadas em tempos de automação do ensino? *Revista Trabalho Necessário*, n. 20, v.42, p.01-17, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/54040>. Acesso em: 23 de janeiro de 2023. DOI: 10.22409/tn.v20i42.54040.

ARRUDA, Eucídio P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede. Revista de Educação à Distância*. ISSN 2359-6082. v. 7, n. 1. 2020.

ASSUNÇÃO, Ada. A.; OLIVEIRA, Dalila. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação & Sociedade*, v. 30, n. 107, p. 349-372. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil. 2009.

BERNARDO, Kelen A. S.; MAIA, Fernanda L.; BRIDI, Maria A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia Covid-19. *Novos Rumos Sociológicos*, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 8-39, dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/19908>>. Acesso em: 5 Nov. 2021. DOI: 10.15210/norus.v8i14.19908.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002*. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 18 fev. 2002. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

BOTÉ-VERICAD, Juan-José. Perceived barriers for distance teaching in higher education during the COVID-19 crisis: “I never did a video before.” *Journal: Education for Information*, vol. 37, no. 3, p. 377-397, 2021. Disponível em: [https://scholar.google.com/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=en&user=1251VI8AAAAJ&citation\\_for\\_view=1251VI8AAAAJ:k\\_IJM867U9cC](https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=1251VI8AAAAJ&citation_for_view=1251VI8AAAAJ:k_IJM867U9cC). Acesso em 05 abr. 2022. DOI: 10.3233/EFI-200418.

BRUN, Luciana G.; MONTEIRO, Janine. K. Preditores de Depressão em Docentes do Ensino Privado. *Aletheia* v.53, n.2, p.63-76, jul./dez. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942020000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942020000200006). DOI: 10.29327/226091.53.2-5. Acesso: 05 abr. 2022.

CASTELLANOS, Marcelo Eduardo P. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p.1065-1076, 2014.

CRUZ, Roberto M. et al. Retorno ao trabalho? Indicadores de saúde mental em professores durante a pandemia da COVID-19. *Revista Polyphonia*, v.31,n.1, p. 325–344. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/66964>. Acesso em 15 Nov. 2021. DOI: 10.5216/rp.v3i1i1.66964.

DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.

DEJOURS, Christophe. *Travail: usure mentale*. Bayard Éditions. Paris. 1993.

EBERT, Paulo R. L. O teletrabalho na reforma trabalhista: impactos na saúde dos trabalhadores e no meio ambiente do trabalho adequado. *Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília*, n.15, p. 163 - 172. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/redunb/article/view/22387>. Acesso em 20 out. 2021.

GOMES, Luciana; BRITO, Jussara. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 6, n.1, 1º semestre de 2006.

GONÇALVES, Gustavo B. B.; GUIMARÃES, Jane M. M. Aulas remotas, escolas vazias e a carga de trabalho docente. *Retratos da Escola*, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1203>. Acesso: 05 abr. 2022. DOI: 10.22420/rde.v14i30.1203.

GAURIAU, Rosane. Direito à desconexão e teletrabalho: contribuição do direito do trabalho francês: estudo comparado franco-brasileiro. *Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região*, Curitiba, v. 10, n. 93, p. 37-50, out. 2020. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/180194>. Acesso em 10 set. 2022.

GUISSO, Luciane; GESSER, Marivete. Docência e Processos de Escolarização: Desafios nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. *Psicologia: Ciência E Profissão*, v. 39, e186536, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/37zvCTtQrRGSzKC4LwXtsf/?lang=pt>. Acesso em: 23 de janeiro de 2023. DOI: 10.1590/1982-3703003186536.

HELOANI, José Roberto M. et al. Assédio Moral em tempo de Pandemia. In: MONTEIRO, Janine K., et al (Orgs). *Trabalho, Precarização e Resistências*. São Luís: EDUFMA, p.313-330. 2021.

HYPOLITO, Álvaro M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. SP: PAPIRUS, 1997. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

LOSEKANN, Raquel G. C. B.; MOURÃO, Helena C. Desafios do teletrabalho na pandemia covid-19: quando o home vira office. *Caderno De Administração*, Maringá, v.28, p. 71-75. 2020. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53637>. Acesso em: 20 out. 2021. DOI: 10.4025/cadadm.v28i0.53637.

KENSKI, Vani M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papyrus. 2003.

MINAYO, Maria Cecília S. et al. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, Maria Cecília S.; ASSIS Simone G.; SOUZA Edinilza R. (orgs). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 61-99.

MINAYO, Maria Cecília S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MIZIARA, Raphael. O novo regime jurídico do teletrabalho no Brasil. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, v. 7, n. 62, p. 36-45, set./out. 2017. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/116314>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MOJTAHEDZADEH, Natascha et al. Gesundheitsfördernde Arbeitsgestaltung im Homeoffice im Kontext der COVID-19-Pandemie. Zentralblatt für Arbeitsmedizin Arbeitsschutz und Ergonomie. V.71, n.2, p. 69-74. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=Gesundheitsf%C3%B6rderndes+Arbeitsprojekt+im+Homeoffice+im+Kontext+der+COVID-19-Pandemie>. Acesso em: 20 mar. 2022. DOI: 10.1007/s40664-020-00419-1.

MONTEIRO, Sandrelena S. (Re) inventar educação escolar no Brasil em tempos da covid-19. Revista Augustus. Rio de Janeiro, v.25,n. 51, p.412-436, jul./out. 2020.

NOOR COUTTS, Christine E. et al. Emergency remote education in Bahrain, Iraq, and Russia During the COVID-19 pandemic: A comparative case study. Journal: Human Systems Management, v. 39, n.4, p. 473-493. 2020. Disponível em: <https://content.iospress.com/articles/human-systems-management/hsm201097>. Acesso em: 20 mar. 2022. DOI: 10.3233/HSM-201097.

NORONHA, Maria Márcia B; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da Rede Pública de Montes Claros, Minas Gerais. *Trabalho Educação e Saúde*, vol.6 n.1. Rio de Janeiro, Mar./Junho 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/BpcPqD8BvRNgy4vBctmJt4S/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 de março de 2022. DOI: 10.1590/S1981-77462008000100005.

NUNES SOBRINHO, Francisco P. O stress do professor no ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: LIPP, Marilda N. (org.). *O stress do professor*. 7ª ed. Campinas, SP; Papirus, 2012. p. 81-94.

OLIVEIRA, Dalila A. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 46, n. 32, p. 51-74, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5122>. Acesso em: 21 mar. 2022. DOI: 10.21680/1981-1802.2013v46n32ID5122.

OLIVEIRA, Dalila. A.; PEREIRA JÚNIOR, Edmilson. A. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 15 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1212>.

OLIVEIRA, Sidmar S; SILVA, Obdália S. F; SILVA, Marcos José O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. *Educação*. V.10. n.1. p. 25 - 40. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239>. Acesso em: 25 mar. 2022. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40.

PENA, Paulo. G. L.; MINAYO-GOMEZ, Carlos. Premissas para a Compreensão da Saúde dos Trabalhadores no Setor Serviço. *Saúde Sociedade*. São Paulo, v.19, n.2, p.371-383, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nX9DHb9r4F4yKNsHVrjwFsR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 mar. 2022. DOI: 10.1590/S0104-12902010000200013.

PINHO, Paloma S. et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, 2021, e00325157. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/fWjNP9QqhbGQ3GH3L6rjswv/>. Acesso em 28 mar. 2022. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00325

REINHOLD, Helga H. O burnout. In: LIPP, Marilda (Org.). *O stress do professor*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2012. p. 63-80.

RICOUER, Paul. *Teoria da Interpretação. O discurso e o Excesso de Significação*. Ed. 70, Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 1976.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19. Ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em: [Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa](https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa). Acesso em 15 out. 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094.

SOUZA, Kátia R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e resistências coletivas em contexto pandêmico: a experiência de docentes da rede particular de educação. In: MAGALHÃES, Jonas et al. (Org.) *Trabalho docente sob fogo cruzado*. 1. ed. - Rio de Janeiro : LPP/UERJ, 2021. p. 135-155.

TARDIF, Maurice. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

XIAO et al. Impacts of Working From Home During COVID-19 Pandemic on Physical and Mental Well-Being of Office Workstation Users. *JOEM*. V. 63, n. 3. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33234875>. Acesso em 28 mar. 2022. DOI: 10.1097/JOM.0000000000002097.

YILDIRIM, Tevfik M.; ESLEN-ZIYA, Hande. The Differential Impact of COVID-19 on the Work Conditions of Women and Men Academics during the Lockdown. *Gend Work Organ*. 2020 Aug 19;10.1111/gwao.12529. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32904915/>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022. DOI: 10.1111/gwao.12529.

## CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

**Autora 1** – Análise dos dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

**Autora 2** - Revisão crítica do texto, Revisão e aprovação final da versão a ser publicada.

**Autor 3** - Revisão crítica do texto, Revisão e aprovação final da versão a ser publicada.

**Autora 4** – Coordenadora do projeto, revisão da escrita final.

**Autora 5** – Coordenadora do projeto, revisão da escrita final e aprovação da versão final.

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

### **Fonte de financiamento:**

Não houve

### **Aspectos Éticos:**

Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia sob o número de parecer 4.067.459 e CAAE: 32004620.8.0000.0056.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.